

PALMA, Maria Aparecida Tives. *1957 COLONOS X JAGUNÇOS: A REVOLTA DO SUDOESTE DO PARANÁ*. Cascavel: OCL Edigraf, 2014, 158p.

Tiago Arcanjo Orben

O livro se propõe apresentar a revolta ocorrida na região sudoeste do Paraná no ano de 1957. Assim, de acordo com a autora, o trabalho vem como uma realização pessoal a partir das experiências vividas por ela e sua família. Na pesquisa procurou “resgatar as informações históricas existentes e outras mediante a ouvida de testemunhos de pessoas que vivenciaram aqueles momentos” (p. 11).

Independente do conteúdo e dos aportes selecionados por Palma para suas considerações, seu trabalho enquanto contribuição para a historiografia que pesquisa o tema está inserido essencialmente no que se refere às experiências vividas por sua família. Existe uma vasta produção sobre os levantes de 1957, cada qual, a partir da posição ocupada no momento de sua elaboração, apresenta determinada caracterização sobre este movimento social. Um significativo número destas produções é da década de 1980, mais direcionadas aos levantes e seus antecedentes<sup>1</sup>; já em contexto recente, existe uma densa produção voltada tanto para a revolta, como para as efemérides comemorativas que ressignificam este movimento<sup>2</sup>.

Algumas destas produções podem ser designadas como memorialistas. Isso se deve pela necessidade que determinados autores percebem em reproduzir os principais episódios dos levantes de 1957, como junto às constantes comemorações que recolocam em evidência os levantes em celebrações públicas. Neste contexto, Palma pode ser encaixada aos trabalhos memorialistas que emergem em contexto recente e ganha destaque enquanto um trabalho de realização pessoal.

Enquanto perspectiva historiográfica, as produções reconhecidas como memorialistas, conforme esclarece Domingues, estão alinhadas a:

(...) escritores que utilizam ferramentas e fontes em seus textos – às vezes resultando em textos de cunho autobiográfico, nos quais o autor utiliza, a

<sup>1</sup> Como, por exemplo, os trabalhos de Abramovay (1981), Colnaghi (1984), Wachowicz (1985), Gomes (1986) e Martins (1986).

<sup>2</sup> Consulte, entre outros, Pegoraro (2008), Amâncio (2009), Koling (2014) e Orben (2014).

sua experiência de vida e a tradição oral, da cidade sobre a qual escreve, para construir a narrativa histórica –, sem que para isso se utilizem das normas metodológicas e teóricas da escrita acadêmica sobre história (DOMINGUES, 2011: 02).

Sobrepõe-se a estes aspectos o conceito de consciência histórica, relativo às “(...) situações elementares da vida prática dos homens, no que se refere ao seu ato de pensar unido às experiências vividas, ou conhecidas no tempo” (DOMINGUES, 2011: 07).

Essas questões são primordiais para compreendermos a intersecção em que se insere Palma, ao expor um trabalho de realização pessoal, calcado em vivências familiares e da sua comunidade, em um período de instabilidade social. É no limiar de um trabalho de realização pessoal, com um forte conteúdo autobiográfico, que a autora é apresentada a historiografia, ao passo em que é exposta enquanto grande contribuição para os espaços públicos e a população em geral do sudoeste paranaense. Esse é o ponto primordial que precisa ser considerado, que selo ganha seu trabalho na historiografia ou no meio acadêmico que pesquisa o tema e que status lhe é conferido no meio público.

Neste caso, é necessário termos em consideração que a consciência histórica encontra-se em todo pensamento histórico, não só na ciência histórica, mas também nas mais diversas formas de considerarmos determinada realidade social. O valor do trabalho de Palma, no papel de memorialista, está associado enquanto contribuição para o que na visão pública deve se exaltar sobre os levantes de 1957; por outro lado, como contribuição acadêmica ressalta-se o conteúdo inédito das experiências vividas pela autora e seu círculo familiar na comunidade onde residia.

Com o “objetivo de avivar a história”, propõe uma contribuição aos conhecimentos históricos (p. 11). Entretanto, seus métodos de escrita e análise são distantes daqueles que o historiador preza em seu trabalho. Sua escrita mescla relatos de sua experiência, história de vida ou biografia de sua família aos eventos ocorridos nas décadas de 1940 e 50, nas quais as categorias de sofrimento e superação são evidenciadas.

Apesar de dividir a obra em sete capítulos, podemos classifica-la em três grandes partes. A primeira delas segue até as páginas iniciais do capítulo VI, na qual, além dos elementos pré-textuais, ganha destaque a “Biografia da autora” (p. 09-10) e um “retalho da história e a lembrança do passado” (p. 11), em que é indicada como “Testemunha ocular da História” (p. 15). A partir do primeiro capítulo, se mescla sua história e experiência de vida

com alguns acontecimentos ocorridos no sudoeste do Paraná e nos municípios de Francisco Beltrão e Verê, nos quais tem suas vivências mais próximas<sup>3</sup>.

Expõem no corpo do texto, raras às vezes, menções aos trabalhos de Sittilo Voltolini, Ruy Wachowicz e Rubens da Silva Martins, referências que também podem ser consideradas memorialistas. Esses trabalhos e posteriormente Iria Zanoni Gomes são apresentados como uma espécie de fonte, com as quais o texto é alimentado, mesmo que não exista uma coerência sobre a utilização de um destes em especial<sup>4</sup>.

Outra dúvida que deixa para seu leitor é a elaboração de diálogos que poderíamos chamar de “ocultos”. Como nos capítulos III e IV, em que se expõem diálogos sem referência aos envolvidos. Isso se repete na transcrição de trechos de manuscritos ou memórias de Glauco Olinger e Walter Pecoits, sem que haja menção aos mesmos, tampouco problematizações em relação ao conteúdo.

A organização e um estilo de escrita próprio com coerência, tão caro ao historiador e pesquisador, é uma constante ausência no texto. Seus ‘itens’ “Em busca da terra prometida” (p. 39) e “Terra de ninguém” (p. 48), não possuem problematizações teóricas e fontes de pesquisa, o que acompanha o leitor é uma dispersão de episódios apresentados em retalhos, que confundem e prejudicam o entendimento dos antecedentes do movimento social.

A segunda parte do texto é aquela que a autora aborda o movimento social em si. Ou melhor, os principais episódios que desencadearam na revolta de 1957 no sudoeste do Paraná. Isso acontece em grande medida a partir do capítulo VI, o qual, novamente, não exhibe uma linha que conduza o leitor; além disso, este capítulo passa a ser o mais extenso até então. Entretanto, nesta parte cabe considerar elementos que a experiência de vida da autora e de sua família singulariza em relação ao movimento de 1957. Neste sentido, seu relato se torna interessante, por trazer informações que, por vezes, são desconsideradas ou desconhecidas na historiografia que pesquisa o tema.

<sup>3</sup> Falta coerência à exposição dos capítulos, redigidos dispersamente e sem que haja diferenciação entre título de capítulo e demais itens. Isso fica evidente em vários momentos, como, por exemplo, quando se propõe destacar, “O sonho frustrado de Mário Fontana”; entretanto, Fontana é citado apenas nas três últimas linhas deste ‘item’, dificultando a leitura de quem desconhece o tema (p. 25-26).

<sup>4</sup> Deve-se ponderar a utilização de fotografias durante todo o trabalho, basicamente reduzidas a três fontes: Osvaldo Jansen, o livro “Sudoeste do Paraná: história de bravura, trabalho e fé” e algumas indicadas apenas como imagens retiradas da internet, isto é, sem referências. Assim, todas as imagens são expostas como mera ilustração, desprovidas de maior rigor analítico. Neste contexto, se perde o potencial que este riquíssimo acervo fotográfico poderia trazer ao trabalho.

Outro elemento que utiliza com alguma frequência são trechos de depoimentos não gravados, que tiveram muita difusão na região sudoeste do Paraná, mas que a autora apresenta sem referência precisa<sup>5</sup>. Como o que teria dito Gaspar Kraemer, administrador da companhia Apucarana de Santo Antônio do Sudoeste: “bastava matar 20 ou 30 colonos que seria suficiente para intimidar ou fazerem os outros fugirem” (p. 59). Esta fala tornou-se, diríamos, “senso comum” para alguns memorialistas quanto aos levantes de 1957 e Palma o reproduz sem referências ou fontes.

Cabe salientar que não se questiona se isso realmente foi dito, tampouco se tais atitudes que Gaspar Kraemer dizia tomar foram ou não empregadas. O trabalho do historiador ou pesquisador social precisa atentar a estas peculiaridades, mas é necessário tratá-las com o devido cuidado para não apenas reproduzir determinada realidade social. Isso acontece quando faz um significativo levantamento com mais de 30 nomes de jagunços que teriam trabalhado para as companhias colonizadoras (p. 59-60), mas que a ausência de problematizações e fontes tornam o texto um memorial descritivo, não expressando grandes contribuições em termos historiográficos.

Existem fontes que se diferenciam e que não são privilegiadas pela historiografia que aborda a questão: uma destas é a revista Manchete de 1957. O emprego do periódico mostra-se muito interessante, ao tratar da saída de colonos para a Argentina ou da volta para seus locais de origem. Assim, tal fonte traz boa contribuição.

Outro elemento que pode ser considerado diferenciado no texto é o que trata dos episódios ocorridos em Verê; possivelmente a proximidade familiar e social que a autora tem com os eventos ocorridos nesta localidade a faz dar uma atenção especial a este local. É neste momento que a experiência da sua família novamente se expressa e que se trazem novos elementos sobre os antecedentes do levante nesta localidade.

Em relação aos levantes nos principais núcleos populacionais da época, a autora não oferece nenhuma grande contribuição em termos historiográficos. Indica os migrantes vindos do Rio Grande do Sul, “gaúchos”, como os colonos que lutaram pela conquista da

---

<sup>5</sup> A utilização de aspas configura o único elemento que diferencia as considerações da autora em relação a fontes ou referências. Exemplo disto é o uso de fontes que destacam os principais episódios que antecedem os dias decisivos dos levantes, como os periódicos “Folha do Sudoeste” (1957) e “O Estado do Paraná” (1957), além de entrevistas de Darci Zancan, Walter Pecoits, Germano Corona, Luiz Pedro, Ivo Thomazoni, Paula Preilliper, Egon Lang, Olivino Garbosa e Ivo Pegoraro. Parte delas foi produzida nos anos 1970-80 por Ruy Wachowicz e são constantemente exploradas pela historiografia do tema.

terra em 1957 (p. 91). Ao fazer isso, ignora as significativas correntes migratórias de Santa Catarina e de outras regiões do Paraná na reocupação da região. Destaca ainda as figuras que são sempre privilegiadas como ícones do movimento, e não a união dos colonos e a singularidade das experiências, que poderiam diferenciar seu trabalho, mesmo que fosse posto ao lado de seu círculo familiar.

O capítulo VII encerra aquela que pode ser considerada a 2ª parte do trabalho. Nele, a linha que a autora procura conduzir o leitor é no sentido das “resoluções” e no “desfecho final” do levante (p. 103). Assim, entre os elementos que podem ser considerados novos ou poucos explorados estão: um documento de 09 de outubro de 1957 elaborado pelas lideranças políticas de Pato Branco (p. 104-105) e a organização dos colonos da região de Pato Branco, Verê e Dois Vizinhos, junto com as lideranças destas localidades. Entretanto, esses elementos que poderiam ser explorados e evidenciados a partir de seu ineditismo são pouco abordados.

O trabalho ainda destaca alguns colonos como “bravos lutadores” e episódios que envolveram sua família: em especial, seu pai, como um destes. Neste sentido, quanto trata dos “momentos decisivos e Pato Branco em ação” (p. 107) expõe uma escrita dramática, na qual, dá um contexto de guerra e terror aos momentos que antecederam os levantes de outubro de 1957. Não que o momento não tenha sido de exaltação social, medo e insegurança, mas a autora denota um exagero nas figuras de linguagem para expressar este momento.

Em relação à 3ª parte, a qual é composta de elementos complementares ao texto, são elencados fragmentos de depoimentos de remanescentes ou pessoas que vivenciaram a instabilidade social na década de 1950. Assim, Palma indica os depoimentos de seu pai José Palma de Lima, sua mãe Corina Medeiros Tives, e de Ervelino Coletti, Maria Tigre, Davide Tigre e Maria Ivone Bonato. Estes depoimentos, apesar de serem curtos e apenas um deles ser produzido pela autora, acabam por apresentar um conteúdo diferenciado ao fim do texto. As entrevistas privilegiadas demonstram toda a tensão social que a fonte oral possibilita ao historiador e que a singularidade destas memórias permite compreender. Este material se torna diferenciado no trabalho e destoa do que foi apontado até então.

As intenções na produção do livro são interessantes e importantes, ao considerar que expõe suas vivências e de sua família e as relaciona aos levantes ocorridos em 1957 em

localidades pertencentes hoje ao município de Verê. Talvez mais importante do que a construção de um texto em que se procure exhibir distintos contextos sobre o sudoeste do Paraná e os levantes ocorridos, seja apresentar, em trabalhos futuros, as experiências e vivências de sua família na luta pela permanência daquilo que lhes era de direito, a terra. O expressar destes aspectos exprime ao leitor as experiências individuais, ao mesmo tempo em que expõe o ineditismo.

As considerações expressas acima não procuram deslegitimar as intenções de Palma, mas sim, expressar o que o texto a partir do que se propõe fazer e do que é apresentado, permite que o leitor conclua. Suas intenções demonstram preocupações com a história, enquanto produção do conhecimento, porém, não é uma produção deste cunho que podemos caracterizar. Conforme já referido, mesmo não declarado, se trata de um trabalho memorialístico com referência a vivências familiares, convém a historiografia que pesquisa o tema perceber o mesmo sob esta ótica, ao considerar os méritos de uma pesquisa de realização pessoal.

### **Referências**

ABRAMOVAY, Ricardo. *Transformações na vida camponesa: o Sudoeste Paranaense*. 1981. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

AMÂNCIO, Silvia M. *Ontem, luta pela terra; hoje, monumento histórico: a Revolta dos Posseiros no Sudoeste do Paraná em suas variadas versões*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

COLNAGHI, Maria C. *Colonos e poder: a luta pela terra no Sudoeste do Paraná*. 1984. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1984.

DOMINGUES, Viviane P. *Especificando a validade do estudo sobre memorialistas através do uso da teoria da consciência histórica*. *Anais do Simpósio Nacional de História*, 26: São Paulo, 2011.

GOMES, Iria Z. *1957: a Revolta dos Posseiros*. Curitiba: Criar Edições, 1986.

KOLING, Paulo J. *A Revolta de 1957 no Sudoeste do Paraná: a luta pela terra entre memórias e comemorações*. Marechal Cândido Rondon: Artigo científico submetido à Banca de Exame para Promoção à Classe de Professor Associado, UNIOESTE, 2014.

MARTINS, Rubens da S. *Entre jagunços e posseiros*. Curitiba: Studio GMP, 1986.

ORBEN, Tiago A. *A Revolta dos Colonos de 1957, interpretações, apropriações e memórias*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

PEGORARO, Éverly. *Dizeres em confronto: a Revolta dos Posseiros de 1957 na imprensa paranaense*. Guarapuava: EdUnicentro, 2008.

WACHOWICZ, Ruy C. *Paraná, Sudoeste: ocupação e colonização*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1985.

Data de recebimento: 26/10/2015

Data de aceite: 30/03/2016